

**FACULDADE CAPIXABA DA SERRA – MULTIVIX
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALCILÉIA EVANGELISTA CARMO DA SILVA
EURÍDICE MENEZES FONTES NETA DE JESUS**

**O HÁBITO DA LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA
SOCIALIZAÇÃO E AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO**

SERRA - ES

2014

**ALCILÉIA EVANGELISTA CARMO DA SILVA
EURÍDICE MENEZES FONTES NETA DE JESUS**

**O HÁBITO DA LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA
SOCIALIZAÇÃO E AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Multivix – Serra. À disciplina de Projeto de Graduação como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador Prof. Omar Carrasco Delgado.

SERRA - ES

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca da Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. Serra, ES.).

S586h SILVA, Alciléia Evangelista Carmo da.
O habito da leitura e sua influencia na socialização e aquisição de conhecimento. / Eurídice Menezes Fontes Neta de Jesus. – Serra: Faculdade Capixaba da Serra, 2014.

63fls.

Orientador: Professor Omar Carrasco Delgado

Trabalho de conclusão de curso (Curso de Pedagogia) –
Faculdade Capixaba da Serra – Multivix 2014.

1. Leitura. 2. Alfabetização. 3. Socialização. Delgado, Omar Carrasco. II. Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. III. Curso de Pedagogia. IV. Título.

CDD: 372.4

"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre".
[Paulo Freire].

FOLHA DE APROVAÇÃO

Confirmamos através desta folha de aprovação que as alunas Alciléia Evangelista Carmo da Silva e Eurídice Menezes Fontes Neta de Jesus apresentaram Projeto de Pesquisa Científica intitulado: O Hábito da Leitura e sua Influência na Socialização e Aquisição de Conhecimento, no dia 24 de Junho de 2014 como requisito para obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Informamos que este Projeto de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pelo professor da disciplina de projeto de graduação, professor orientador Omar Carrasco Delgado.

Serra, 24 de Junho de 2014

Prof^o. Omar Carrasco Delgado
Orientador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pela sua existência e grandeza, aos meus familiares pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida.

Ao meu esposo por ter estado sempre ao meu lado me apoiando incondicionalmente.

Aos professores que contribuíram de maneira eficiente para o meu aprendizado e meu sucesso na Faculdade e, principalmente ao meu orientador Omar Carrasco Delgado pela atenção, força e disponibilidade durante a realização deste trabalho. Ao Aldemias que também me deu o apoio necessário para que hoje eu pudesse alcançar mais essa vitória.

Alciléia Evangelista Carmo da Silva

Agradeço em primeiro lugar a Deus por essa vitória, aos meus familiares por todo apoio ao longo do curso, aos professores pelos conhecimentos transmitidos.

Eurídice Menezes Fontes Neta de Jesus

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao Deus todo-poderoso, aos meus pais (*in memoriam*), ao meu amado esposo, e meus Filhos Felipe, André e Gabriel, ao meu sobrinho Haroldo Júnior e a minha irmã Celma, por terem acreditado em mim, sempre me apoiaram nas horas difíceis e compartilharam comigo as alegrias.

Alciléia Evangelista Carmo da Silva

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando e em especial a minha irmã Luciléia Fontes

Eurídice Menezes Fontes Neta de Jesus

“A formação de professores é um desafio que tem a ver com o futuro da educação básica, esta por sua vez intimamente vinculada com o futuro de nosso povo e a formação de nossas crianças, jovens e adultos. No entanto, a perspectiva de que essa formação se faça em bases teoricamente sólidas, e fundadas nos princípios de uma formação com qualidade e relevância social, são cada vez mais remotas, se não conseguirmos reverter o rumo das políticas educacionais [...]” ANFOPE (2002).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	O Lúdico e o Desenvolvimento da Criança	45
Figura 2	Penetração da Leitura	54
Figura 3	Leitura de Livros Entre Crianças e Adolescente	54

LISTA DE SIGLAS

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais	27
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal	42
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística	54

RESUMO

Este trabalho buscou por analisar a contribuição do HÁBITO DA LEITURA para influenciar a socialização e provocar aquisições de conhecimento da criança em sua própria formação enquanto futuro cidadão de pleno direito e parte integrante de uma nação. E ainda a abordagem da educação enquanto um processo na formação desse ser social, abordando os métodos de incentivo à leitura tanto no ambiente familiar quanto na própria escola. O trabalho de alfabetização propriamente dito também foi objeto de estudo, bem como, a importância do ensino infantil no desenvolvimento da criança que pode ser proporcionado por inúmeras maneiras com que as crianças de forma motivada são levadas ao saber na sua mais ampla forma do significado da palavra, que não se resume apenas no ler e escrever, mas, do compreender o mundo que as cercam, dentro da individualidade de cada ser, e suas diferentes realidades. Sabe-se que é no Ensino Fundamental que ocorre a alfabetização, e muitas vezes o saber ler e escrever não significa necessariamente o alfabetizar, mas um conjunto de atividades capazes de levar os pequenos alunos a desenvolverem a capacidade de raciocinar, formar ideias, interpretar e compreender o que está escrito. Neste contexto o lúdico, o ouvir contos infantis, o hábito de buscar saber via livros pode contribuir significativamente nessa complexa tarefa da arte de ensinar. Estimular a criança à aprendizagem da escrita e a sua compreensão é o grande desafio da família, professores e escola. Enfatizou-se também a importância do professor no planejamento e na execução do aplicar das ferramentas de ensino infantil, que em suma, diz-se da base do conhecimento de um povo capaz construir um País melhor e mais humano baseado no conhecimento.

Palavras - chave: leitura; alfabetização; socialização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 O SABER E O SEU VINCULO AO HÁBITO DE LEITURA.....	16
2.2 A INVENÇÃO DO LETRAMENTO – UM BREVE CONCEITO.....	21
2.3 ALFABETIZAR – UMA LIÇÃO PARA A FAMÍLIA.....	25
2.4 A ESTRUTURA FAMILIAR – UM SUPORTE A ALFABETIZAÇÃO.....	26
2.5 PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A LEITURA.....	27
2.5.1 Os PCNs e a Formação de Leitores	28
2.6 AS NECESSIDADES DO ALUNO DIRECIONANDO AÇÕES PEDAGÓGICAS.....	29
3 FAMÍLIA – ANTES DE TUDO, UMA LIÇÃO DE VIDA	31
4 ALFABETIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA ESCRITA	35
4.1 A ALFABETIZAÇÃO ENQUANTO UM PROCESSO.....	38
5 O PROCESSO DE COGNIÇÃO ZDP – BREVES CONSIDERAÇÕES	42
6 O LÚDICO – UMA FERRAMENTA DE ENSINO	45
7 INCENTIVOS ESTRATÉGICOS À LEITURA INFANTO JUVENIL	50
7.1 CONTAR HISTÓRIAS: REINVENTA DE UMA STRATÉGIA.....	51
7.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS – OUTRO INCENTIVO A LEITURA.....	55
7.2.1 Propostas para a Sala de Aula	55
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
9 REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A leitura é sem dúvida, um dos principais mecanismos de comunicação entre os indivíduos, sendo uma das principais ferramentas na produção e transmissão do conhecimento. Além de ser produtora de saber, a leitura também estimula à criatividade e à invenção de novas formas do sujeito ser e estar no mundo. Partindo dessa realidade, busca-se com este trabalho analisar a importância do ato de ler no processo de socialização e aprendizagem dos alunos em suas primeiras séries iniciais da vida estudantil. Para tanto, faz-se necessária conhecer as estratégias de incentivo que os professores utilizam para tornar tal hábito uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem; não obstante a isso, é substancialmente importante identificar a visão dos estudiosos quanto aos métodos indicados que podem ser útil para o atual conceito de alfabetização dos alunos de series iniciais; pesquisar sobre a compreensão das alternativas que possam contribuir no processo de socialização e aprendizado do aluno diferentes daquelas tradicionais; e finalmente, pesquisar a influencia que os professores com a equipe multidisciplinar e a família podem exercer no aluno no que tange ao incentivo da prática do hábito de ler.

Só o indivíduo capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, sente-se motivado para a leitura da palavra, entretanto se sabe que a leitura faz parte do cotidiano, mas aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças. As rápidas transformações impostas pelo mundo exigiram novas formas de leitura que essa experiência começa no lar e continua na escola.

Embora se faça leitura para aplicar ao próprio conhecimento, também visa se buscar diversão e descontração. Encontram-se ainda vários fatores que influenciam na aquisição do hábito da leitura e muitas vezes tendo como consequência somente a decodificação de símbolos, acredita-se que ler não corresponde à simples aquisição de um novo código e sim fazer fonte de conhecimentos para a compreensão e transformação da realidade.

Partindo desse conceito de leitura, a princípio o ser humano é um leitor em potencial. O desenvolvimento desse potencial estará, relacionado às descobertas e experiências vividas ao longo da vida, especialmente na infância. Assim, o despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização.

Considera que a aprendizagem das crianças se inicia muito antes de sua entrada na escola. Antes dessa entrada ela constrói conceitos espontâneos e após, os conceitos científicos, ditos possíveis quando o desenvolvimento mental tiver atingido funções como: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Conceitos que não são aprendidos mecanicamente, mas evoluem com a ajuda de uma vigorosa atividade mental por parte da criança.

Assim, da mesma forma que a leitura mostra a criança, uma série de descobertas e saberes durante seus primeiros anos na escola, a tecnologia também aposta num aceleração de informações e descobertas às quais muitas crianças não conseguem acompanhar. A partir, daí, surge uma indagação: “Será que as crianças, ainda se utilizam da leitura como principal forma de aprendizagem e socialização?”.

A relevância desta pesquisa se dá pelo fato do Município de Serra/ES apresentar em seus quadros de alunos de problemas de aprendizagem, muito deles relacionados à leitura. Os professores reclamam do fato de muitos alunos não se interessarem pelo hábito de ler. Desta maneira, acredita-se que a pesquisa pode ser útil para que a equipe multidisciplinar desenvolva estratégias de tornar a leitura estimulante e agradável aos alunos.

Todavia, há de se considerar que, não somente nas escolas do município de Serra/ES, mas como também em diversas partes do Brasil é identificado à incidência de alunos com déficit de aprendizagem por circunstâncias ligadas diretamente a ausência do hábito de leitura.

Logo, este estudo pretende mostrar os principais problemas alegados por professores e equipes multidisciplinares de escolas públicas. Neste enfoque este projeto se torna importante para apontar os aspectos mais abrangentes que

dificultam a mudança dessa realidade atual no que se refere especificamente à introdução do hábito de leitura na rotina dos alunos de séries iniciais.

Entende-se que este trabalho contribuiu com os professores, profissionais da área de educação bem como os administradores de estabelecimentos de ensino público possam avaliar e assim contribuir para uma necessária mudança nas políticas e técnicas de ensino de modo a reverter essa triste realidade observada na grande parte dos alunos dessas escolas, considerando a importância dessas crianças para a formação de uma sociedade dotada de conhecimento e capaz de promover transformações benéficas para a sociedade brasileira as quais devem ser fundamentadas numa educação formada sobre os pilares do conhecimento.

A ênfase deste trabalho foi no estudo da problemática das dificuldades de aprendizado de alunos de escola pública em séries iniciais. A pesquisa foi abordada ideias de autores que tratam o tema focando o ensino fundamental em suas séries iniciais, buscando evidenciar as possibilidades de socialização por meio da leitura onde se percebe a necessidade de um incentivo maior.

Tomando a responsabilidade da escola no que tange ao ensino da criança, os professores devem propiciar aos alunos a oportunidade de examinar diversas linguagens ou discursos ideológicos, como se encontram desenvolvidos numa variedade de textos e de materiais curriculares.

De modo que uma pedagogia desse tipo deve criar as condições de sala de aula necessárias para a identificação e a problematização das maneiras contraditórias e múltiplas de ver o mundo, que os alunos usem para a construção de sua própria visão do mundo.

É inegável que a escola desde os seus primórdios transmite a ideia de que além de um estabelecimento de ensino é um espaço destinado à educação. Assim, diz-se de um lugar onde as crianças são expostas ao conhecimento e dele absorve aquilo que é necessário para o indivíduo seja um ser social em função da aquisição de um saber capaz de ser utilizado durante a vida, em suma, um ambiente que propicia a formação de cidadãos capazes de ter uma visão macro de um mundo em transformação constante e de sobremodo acelerada.

Tal ideia ao longo do tempo vem sendo questionada diante da falta de comprometimento dos governos com essa instituição que a cada dia deixa a desejar na maioria dos quesitos que a sociedade exige da escola do ponto de vista ideal. Daí a explicação do por que da migração dos filhos daqueles que tem condição social favorável da escola pública para a particular. Assim pessoas que poderiam lutar para a melhoria no ensino público numa decisão equivocada e onerosa, contribui para que a negação do Estado de uma garantia constitucional que é o direito da criança a educação cuja a essência da palavra já faz-se presumir a desejada qualidade.

Assim, toda escola tem ou deveria garantir ao indivíduo um ensino de qualidade e ser comprometida com a inserção do indivíduo na sociedade para uma real interação, como ser histórico social.

A nossa sociedade há de admitir que de fato existe, a divisão de bens e de lucros muito desigual, o que nos leva a não estranhar que desigualdade similar também exista quanto à distribuição de bens culturais, contudo a participação em boa parte destes bens é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola.

Dentro da realidade hoje apresentada pelos meios de comunicação o ambiente escolar, com raríssimas exceções tem sido motivo de preocupação para muitos pais de alunos que dentre outras reclamações dizem que, a série de seu filho não corresponde ao real nível de conhecimento da criança, de modo à criança deveria estar lendo, realizando as quatro operações matemáticas, raciocinando, falando sem as dificuldades apresentadas pelo aluno.

Percebe-se então que há deficiência na escola que reflete na própria família a qual sem ter conhecimento científico da causa, verifica que há algo de errado na qualidade do ensino ou mesmo dificuldade no aprendizado da criança. Acendendo o alerta de alguns pais que acompanham o desenvolvimento de seus filhos, inserindo dúvidas na origem do problema que normalmente são atribuídos a qualidade do ensino.

Neste sentido, este trabalho busca responder à seguinte questão: Como inserir e/ou recuperar o hábito da leitura nos alunos de séries iniciais e se esse estímulo é na prática uma forma de aguçar a capacidade de raciocínio e facilitar a aprendizagem do aluno, contribuindo assim para a educação tornando a criança um ser socialmente melhor e diferente daquela que se vive nos dias atuais?

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a o tema “o hábito da leitura e sua influência na socialização e aquisição de conhecimento”. Enfocando os fatores prós e contras, encontrados na área da educação apoiado em estudos bibliográficos através de material publicado, como: livros, revistas periódicos, jornais e meios eletrônicos.

O processo de construção da pesquisa e a apreensão da realidade dependem de uma metodologia a ser aplicada, ao caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.

A pesquisa científica reúne dados que visam atender as questões de um determinado fenômeno, mediante o emprego de procedimentos científicos. O material consultado deve ser sintetizado não perdendo seu caráter de objetividade e riqueza de dados. Considera que os estudos exploratórios “destinam-se ao levantamento do material necessário para a investigação”¹.

Neste trabalho a pesquisa foi através de estudos bibliográficos que resultam da sintetização de ideias e fatores relacionados ao tema abordado.

¹ Esse estudo tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer ainda que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de instituições. (GIL; 2002,p. 31)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O SABER E O SEU VINCULO AO HÁBITO DE LEITURA.

Entende que a prática da leitura na sociedade implica na vida por meio do livro e da natureza. Sabe-se que o ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações, essas ações ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo.

À proporção em que o leitor pratica a leitura, ele passa a formar diferentes interpretações a partir de um mesmo conteúdo. Isso se dá devido ao fato de que cada leitor tem experiência de vida e conhecimento prévio díspares, que acrescentarão ideias ao texto. Para Lencastre (2003), existe uma interação entre o conteúdo fornecido pelo texto e o conhecimento prévio do leitor. Considerar isso “implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto” (ELIAS & KOCH, 2006). Todo esse processo de compreensão leitora ocorre de modo dinâmico, visto que o leitor ativo intervirá no texto e, a partir das informações dadas “que processa e atribui significado ao que está escrito” (SOLÉ, 1998).

Assim, é correto afirmar que não só a prática da leitura desenvolve a compreensão de outros textos, mas também que o leitor interage com o que lê, retirando informações e construindo sua interpretação de acordo com suas vivências e conhecimentos textuais. Conseqüentemente, essas novas informações recebidas se unirão aos conteúdos que nosso cérebro já armazenou.

Certamente essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo educador e incorporada as suas estratégias de ensino, com o objetivo de melhorar a qualidade desse processo iniciado quando a criança é capaz de captar e atribuir significado as coisas do mundo. Assim, Vigotski (1991) nos ajuda a entender que, quando as crianças interagem com os seus mundos podem fazer mais do que parecem ser capazes e extraem muito mais de uma atividade se houver mediação de um adulto ou de um participante com mais experiência.

Mesmo os pensadores mais profundos nunca questionaram aquilo que as crianças podem fazer com o acompanhamento dos outros, e que isto pode ser em certo sentido, até mesmo mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que podem fazer sozinho (VIGOTSKI, 1991, p.85).

A leitura é um processo contínuo, que envolve e requer engajamento de todas as partes envolvidas, a escola, os principais da educação até mesmo o próprio sujeito a ser trabalhado. Então entendemos que a leitura não é uma ação de resultados imediatos, mas de esforços contínuos e solidários.

Colocada na base da educação, a leitura pode assumir de imediato o componente democratizante e de possibilidades de ascensão ao mesmo tempo, confundir-se com alfabetização, nesse caso ler veio se criticar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele.

O leitor passa a dispor de uma habilidade desligada de seu dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não é esclarecida durante aprendizagem. Desvinculado de seu objetivo, o ato da leitura torna-se intransitivo e o inexplicável, a não ser que se apele a categorias tomadas de empréstimo de outros setores da vida social.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação e infraestrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra (FREIRE, 1996, p. 31).

Logo, a leitura é uma atividade complexa. O indivíduo deve não somente decifrar e decodificar a escrita, mas também realizar uma interpretação de 'leitura de mundo'. Deve-se pensar na leitura como importante meio de dirigir às potencialidades da criança desenvolvendo-lhe as habilidades essenciais a sua integração consciente a sociedade que faz parte. Assim, essa leitura mais ampla e complexa, impossibilita que alguém aprenda sozinho. Ela representa o domínio de uma modalidade da linguagem verbal, por meio da qual o imenso e variado mundo das letras e da escrita passa a fazer parte de nosso mundo. (FREIRE, 2004).

A prática da leitura de papel preponderante na formação do sujeito, na forma como organiza o estabelece suas relações, é necessário ter presente, que toda a realidade social é uma construção humana. A leitura desta realidade requer entendimento da família como um processo contínuo movimento, ao mesmo tempo uma prática concreta, mas, também, uma representação social.

Desenvolvendo a leitura, o indivíduo terá maior facilidade para compreender e reconstruir o sentido do texto, de acordo com seu conhecimento pessoal. Pode-se afirmar isso com base em teóricos que defendem que “a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita”. Em suma, é importante que tenhamos consciência de que fazer do ato de ler um hábito nos auxiliará no desenvolvimento de nossa compreensão textual, e esta pesquisa, justificadamente, terá como ideal frisar essa importância. (SOLE, 1998).

Segundo Souza (2004), a formação do gosto de ler começa muito cedo, já na família, através das cantigas, do folclore, da literatura infantil oral e do contato com os livros formando atitudes positivas em relação à leitura. Se na vivência escolar é o professor que está diretamente em contato com o aluno, a ele cabe dar testemunho de amor aos livros. Compete a ele está consciente da importância da leitura para o homem.

É necessário que o professor incentive a leitura em sala de aula, o desenvolvimento de interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, e aperfeiçoa se sistematicamente na escola.

O professor tem papel preponderante de discutir as convenções sociais da escrita, assim como as questões políticas, e levar o aluno a entender como a língua funciona na sociedade, explicando que o dialeto da sua comunidade é tão bom como o dialeto de prestígio. Mas que dependendo da situação em que é usado um ou o outro, ou seja, a forma de falar, de acordo com o lugar e o status do ouvinte numa sociedade capitalista, acarreta consequências políticas, econômicas e sociais. Assim, se o aluno deseja participar de uma sociedade letrada é preciso dominar a linguagem padrão, pois é com ela que ele será avaliado tanto na escola como fora dela, nas diferentes esferas sociais. E é de fundamental importância Cagliari (2002, p.82).

Nesse contexto, ensinar a língua padrão como umas das formas de acesso das classes populares a um saber que está sobre o domínio da classe favorecida. Portanto, é tirar o privilégio, o domínio de um grupo sobre o outro. É buscar um ensino comprometido com a justiça social e o bem comum de um povo e vale lembrar SOARES (1987, p.78) quando enfatiza que:

“Um ensino de língua materna comprometida com a luta contra a desigualdade social e econômica reconhece, no quadro dessa relação entre escola e sociedade, o direito de que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto prestígio, e se fixa como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem as exigências de um a sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra a desigualdade social.”

O que se pode fazer é criar um meio propício, é oferecer, à inteligência, a argamassa, o material de construção em quantidade e qualidade suficientes para que a criança construa suas estruturas de pensamento da melhor maneira, com o melhor tipo de informação e os melhores exemplos possíveis.

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico. Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando ideias e revendo conceitos. Ler é dialogar. Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor.

O que é crucial é que a criança reconheça a importância do saber ler. Não basta o contato com o livro e com o código escrito. A criança procura explicações para tudo o que a rodeia. É, portanto, crucial, que o adulto se disponibilize, a oferecer as explicações possíveis desprovido de preocupações e limitações temporais. Por outro lado, convém salientar de que é necessário ter-se algum cuidado com a escolha dos livros para crianças. Deverão ser excluídos os livros que enaltecem os heróis que abusam da violência e que saem triunfantes, bem como aqueles livros que são desprovidos de conteúdo e que em nada contribuem para o desenvolvimento da criatividade e do crescimento social da criança.

Isabel Solé ratifica esse pensamento e ainda acrescenta que o ato simples de ler, encontra-se amplamente intrincado ao educando e prioriza principalmente a construção e interpretação de textos, à pesquisa e elaboração de personagens em seu mundo, à criação de contos, poesias, histórias diversas do cotidiano familiar, escolar, enfim. Utilizando-se de materiais diversos disponíveis à construção teatral, temas alternativos em inúmeros ambientes, como o escolar, familiar, com ou sem fundamentação teórica, de livros, gibis, revistas, textos diversos. E ainda complementa dizendo: “A leitura é um processo de interação entre leitor e texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem; portanto, tem dimensão social e cultural; provoca, enriquece e encaminha a reflexão” (SOLÉ, 1998, p.21). Dentro de uma perspectiva progressista, isto é, que busca a formação de um leitor crítico e participativo, agindo e interagindo com seu meio, consequentemente a sala de aula proporcionará que o aluno demonstre sua maneira de pensar e expor seu raciocínio.

A valorização da leitura pelo professor é fundamental para a criança adquirir o hábito de ler, percebendo que através das histórias lidas pode evidenciar aventuras maravilhosas, conhecer lugares e modos de vida distintos, descobrir, enfim, que o livro é a forma de enriquecimento pessoal.

Estando consciente dos erros que a escola tem cometido em relação à leitura, cabe a ela repensar sua prática pedagógica, pois a instituição escolar, não pode ser responsabilizada sozinha por uma questão que é “política social”.

“Se quisermos inculcar o hábito da leitura precisamos ir além das necessidades e interesses e motivar a criança a ler ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais e condições ambientais forem mudados. É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes e não por inclinações mutáveis (BAMBERGER, 2006, p. 20).”

O autor aqui esclarece uma das dificuldades de se inserir a leitura como hábito se esta não for baseada no princípio da motivação da leitura vinculada às necessidades intelectuais que estão em constante mudanças. É uma tarefa conjunta, visto que,

todas as pessoas que convivem com elas, além do professor, devem está envolvidas e comprometidas, para juntos fazer um bom trabalho.

O mesmo autor ainda acrescenta que:

Há muito tempo se considera a capacidade de ler essencial à realização pessoal, e hoje em dia é cada vez mais aceita a premissa de que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa. (BAMBERGER, 2006, p. 7).

Assim, o autor usa da expressão comum que se traduz no “ler é saber” e vai ainda muito além, ao vincular o progresso social econômico de um país ao acesso de uma povo ao conhecimento promovidos por este hábito de ler que além de edificar a pessoa também contribui para o desenvolvimento de uma nação.

Percebe-se então que o tema ora abordado, além de relevante para a educação, diz-se também de uma questão ainda mais abrangente, por envolver a necessidade de um progresso social e econômico sustentável em um País inserido num mundo globalizado, onde a tecnologia impõe cada vez a necessidade de uma leitura dinâmica e um saber que exige constante aprendizado transformando dados em informações e informações em forma escrita que precisam se traduzir em conhecimento.

2.2 A INVENÇÃO DO LETRAMENTO – UM BREVE CONCEITO.

De acordo com Magda Soares, letramento é um termo cada vez mais corrente no Brasil. Mas que difere de alfabetização. A autora defende que, embora sejam conceitos diferentes, letramento e alfabetização são dois processos que devem ser trabalhados simultaneamente na escola. Explica que esses dois conceitos apresentam diferenças fundamentais, pois estão relacionados com concepções distintas de ensino de língua.

Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos. Alfabetização está ligada à concepção de escrita como sistema ordenado pelas regras gramaticais, ou mesmo de escrita como código, que é preciso decifrar. (SOARES, 2003)

A autora ainda afirma que, no Brasil, há um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita. Como exemplo, ela cita as matérias publicadas na mídia, nas quais se considera que ser alfabetizado é mais do que saber ler e escrever um simples bilhete, condição que até algum tempo tida como satisfatória para tirar uma pessoa da lista dos analfabetos.

Apesar de considerar tais diferenças há a defesa da indissociabilidade de alfabetização e letramento. Ou seja, a escola deve com os dois processos simultaneamente para evitar o fracasso escolar. Não basta apenas alfabetizar, isto é, ensinar os aspectos da língua como código, também é preciso trabalhar a língua em seus usos sociais. (SOARES, 2003)

Insta aqui salientar que, anteriormente, o fracasso escolar estava relacionado ao fato de a escola privilegiar apenas o processo de alfabetização. O ensino de língua tinha como base a relação entre o sistema fonológico e o gráfico, ou seja, entre os sons que pronunciamos e as letras que usamos para registrar esses sons. E, por outro lado, atualmente, muitas vezes o ensino da língua como sistema fonológico e gráfico é deixado de lado, causando da mesma forma o fracasso escolar, ainda que por motivos diferentes.

Soares (2003) ainda salienta que mesmo em produções acadêmicas, o conceito de letramento e alfabetização se confunde. Entretanto, não nega a importância da relação que uma deve ter com a outra, concorda que ambas devem estar sempre em interação, no entanto suas diferenças conceituais devem ser preservadas e a atenção somente direcionada ao letramento pode acabar apagando a real concepção de alfabetização, o que a mesma chama de "desinvenção da alfabetização", ou seja, a falta de especificidade do processo de alfabetização, que é, também, um dos motivos geradores do fracasso escolar. Ascende-se o letramento

e alfabetização torna-se camuflada. E assim questiono sobre o adianta conhecer as letras e não compreender o seu sentido e vice-versa. Assim também são questionado a serventia de teorias sem métodos para aplicá-las.

Assim, a autora depreende com isso que, o defender do processo de alfabetização não é dissociá-lo do processo de letramento. Não deve haver excessos, para que não haja fracassos. Não se deve, portanto, preservar uma faceta e esquecer a outra.

Apesar das diferenças conceituais entre alfabetização e letramento ambas estão relacionadas no momento em que a aquisição do código, da escrita (a técnica) e o seu desenvolvimento (o letramento) permitirão que a criança construa esquemas utilizando-se dos códigos para relacioná-los a uma função social, um objetivo, um sentido. A técnica é tão importante quanto o seu desenvolvimento. A relação estabelecida entre letras e sons precisa ser compreendida pelos discentes, para isso o conhecimento técnico precisa ser ensinado de forma significativa sendo necessário, o conhecimento das letras, sílabas, palavras, sinais e sons, e a relação destes conteúdos com as vivências sociais e culturais transformando o aprendizado. Aos poucos os educandos vão descobrindo a importância da escrita e da oralidade no cotidiano, compreendendo sua função social. Escrever cartas, bilhetes, ler histórias, contos, receitas, bulas de remédios, correspondências, números de casas, "outdoors", panfletos, interpretar sinais (de trânsito, por exemplo), declarar-se, cantar, apresentar discursos entre tantos outros, são uma das inúmeras funções sociais que o aprendizado da leitura e da escrita nos oferecem. Para entender o nosso meio é necessária a compreensão desses códigos, pois abrirão as portas de entrada nesse mundo de relações, comunicação e expressão que a linguagem nos oferece. Soares (2003)

Assim, concebe-se que uma teoria coerente da alfabetização deve basear-se num conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a "abordagem mecânica do ler/ escrever"; o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/ compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral; e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita. Logo, os educadores têm a possibilidade de aguçar nos alunos a vontade de querer aprender a ler e escrever revelando-lhes a importância destes recursos para um melhor entendimento do meio social, cultural e político.

Entende então que no aspecto social o conceito de alfabetização não é igual para todas as sociedades. A cultura influencia na formação do conceito de alfabetização. Em algumas nações, um adulto não se encontrar alfabetizado pode ser um problema, para outras não. Para caçar, por exemplo, os índios não precisam saber ler e escrever. Todavia, eles necessitam de outros tipos de conhecimentos algumas vezes adquiridas hereditariamente. E tantas outras civilizações que utilizam outros conhecimentos para exercerem diferentes funções sociais.

O modo como os indivíduos interpretam e dão significados aos conhecimentos assimilados são variados e estudar como ocorrem esses processos não é uma tarefa fácil. O interesse que os especialistas têm sobre o tema alfabetização, por exemplo, pode ser explicado pela sua complexidade e multiplicidade de facetas que o abrange: facetas psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas. Devido essa variedade de enfoques, uma conceitualização de alfabetização fica difusa e quase sempre não acolhe seus verdadeiros interesses.

Soares (2003) alerta com relação ao papel desta faceta (psicológica), que busca através de estudos sobre o processo de inteligência justificar possíveis fracassos na alfabetização. Acredita-se, por exemplo, que certos indivíduos aprendem com mais facilidade do que outros por possuir um certo "dom", com isso explicar-se-iam o fato de crianças que aprendem a ler ou escrever mais cedo que outras. Outra justificativa do fracasso escolar seria por disfunções psiconeurológicas: afasia, dislexia e outros, considerados como distúrbios de aprendizagem.

Em função do exposto, a leitura de textos que mostram a realidade em que se encontra a alfabetização nos estimula a buscar meios que nos possibilitem uma melhor formação. Percebe-se o quanto, os educadores, precisam aprender para se transformarem em bons alfabetizadores. Que o processo de "alfabetizar letrando" não é meramente o ensino de códigos, mas, é também, a contribuição dos conhecimentos prévios dos alunos, tornando o ensino e os métodos, que não devem ser desconsiderados, um momento significativo tanto para o docente quanto para o aluno. As leituras das interpretações de autores importantes como Magda Soares nos faz repensar nossas práticas e analisar nossas posturas em sala de aula,

permitindo a nossa auto avaliação e fazendo com que possamos extrair o que vai realmente nos ajudar na postura e na prática docente.

Assim, é necessário a busca de meios para tentar melhorar a realidade atual, para isso é imprescindível rever a situação que se encontra a alfabetização e a educação, além da criação de creches e escolas é fundamental melhoria na formação dos educadores para que se tornem questionadores, pesquisadores, provocadores e ativos. Muitas faculdades ainda não formam alfabetizadores, não capacitam seus profissionais para atender a demanda, além disso, é indispensável (SOARES, 2003):

- O mapeamento da realidade educacional para que possamos, de forma eficaz, compreender a quantidade de indivíduos que precisam ser atendidos para uma melhor atuação;
- O acompanhamento das instituições e da sua evolução como um todo: orientação, avaliação, esclarecimento da sociedade por meio de debates, cursos, seminários, oficinas, encontros, palestras, fóruns etc.
- Uma direção qualitativa para os profissionais da educação: porteiros, auxiliares, professores, secretários, coordenadores, gestores e Estado fazendo com todos percebam a sua importância no processo educacional e que para ter qualidade todos precisam empenhar-se.

A autora salienta que a educação clama por prática, pois já possui teoria demais, todos estão cansados de ouvir que o problema do país é a educação, então ao invés de apontar o que é um fato, todos devem agir.

2.3 ALFABETIZAR – UMA LIÇÃO PARA A FAMÍLIA

Segundo a concepção de professores que atuam na alfabetização de alunos, o que está faltando é o incentivo, por parte da família, ao aluno para o mundo da leitura. E uma agravante à situação é triste realidade de que, na maioria das famílias os pais não conhecem os mecanismos que levam os filhos a aprendizagem formal. Tal falta

de informação alimento o mito de que, a função de alfabetizar seus filhos é da escola.

Nesse enfoque, Kramer (2010, p. 111-112) enfatiza que:

“É verdade que as condições de vida da grande maioria das crianças das classes populares são muito precárias, e a transformação dessa situação é urgente. É certo que a escola não tem o poder de mudar essa situação. Mas, por outro lado, não é possível continuar apenas reclamando das crianças. Será que não conseguimos encontrar novas maneiras de trabalhar com essas crianças que aí estão? [...] Encontro muitas dificuldades ao procurar agir dessa forma, mas acontece que estou cansada de apenas acusar as crianças e suas famílias, pelos problemas que tem na escola”.

Dado a realidade em comento, onde contrastes sociais existentes impactam diretamente no ensino/aprendizagem das crianças. Evidencia-se então que o professor precisa conhecer a realidade vivenciada pelo aluno e, com base nisso, o Projeto Político Pedagógico da escola deve considerar tais necessidades que se desencadeiam dessa realidade. Para tanto, é necessário um trabalho coletivo na escola, incluindo políticas públicas de formação continuada tanto aos professores quanto aos familiares, assessoria pedagógica e psicológica aos professores, alunos e familiares, uma vez que o profissional de pedagogia é antes de tudo conhecedor que o emocional e o intelectual são indissociáveis. Verifica-se então a ação pedagógica está diretamente ligada a necessidade específica da criança. É desse ponto de vista que o próximo tópico passa a tratar.

2.4 A ESTRUTURA FAMILIAR – UM SUPORTE A ALFABETIZAÇÃO.

Há de se considerar os professores trabalham com as diferenças em escolas de periferia, cujos alunos pertencem à estrutura de família“ diversificada, muitos deles são filhos de analfabetos ou semianalfabetos. Assim, é possível observar as implicações existentes e que norteiam os grandes desafios enfrentados pelos pedagogos.

Essa realidade é assim abordada por Vigotski (2003, p. 75):

Na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular essa atividade. No processo de educação, o professor deve ser tal como os trilhos pelos quais avançam livre e independentemente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento².

A criança na fase de alfabetização necessita de apoio, auxílio e orientação de um adulto para aprender. Aqui se destaca a necessidade de o professor conhecer a realidade social e cultural do aluno, a fim de contribuir para a alfabetização significativa para que o aluno compreenda a importância de saber ler e escrever em nossa sociedade. Portanto, no processo de alfabetização, as interações entre professores, família e alunos fazem a diferença.

O autor ressalta a mediação das ideias e experiências com o outro pela palavra, pela autonomia de vez e voz, a qual pode trazer a perspectiva de um trabalho diferenciado e repercute em ações que contribuem significativamente no desenvolvimento da leitura e da escrita.

2.5 PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A LEITURA

Segundo Brasil (1997), a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, sendo estes capazes de, por iniciativa própria, selecionar dentre vários trechos que circulam socialmente, aqueles que atendam a sua necessidade no momento.

O leitor também deve compreender o que lê, sendo capaz de aprender a ler também o que não está escrito e, com isto, identificar elementos implícitos, nos quais estabeleçam relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; ter consciência de que um texto pode ser interpretado de diferentes formas, dependendo da visão e conhecimento que cada indivíduo.

² Muitos alunos são oriundos de famílias de pais separados, desempregados; em muitos casos, moram com os avós ou parentes, e outros chegam sofrendo violências diversas em seus lares.

Tornar-se um leitor competente através de uma prática constante de leitura de textos que circulam socialmente e este trabalho deve envolver todos os alunos, inclusive, aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

O trabalho com a leitura tem a finalidade não só de formar leitores competentes, mas também formar escritores sendo estes capazes de produzir textos com eficácia. Não se trata apenas de extrair da informação escrita, letra por letra ou palavra por palavra, e sim, a compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Neste contexto, Brasil (1997, p.53) afirma que “qualquer leitor experiente que consiga analisar sua própria leitura, conseguirá constatar que a decodificação é apenas um dos procedimentos que o leitor utiliza quando lê”.

Com isto, a leitura fluente envolve muitas outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não são possíveis com rapidez e proficiência.

A utilização desses procedimentos permite controlar o que vai sendo lido e permite tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscando-se diante do desconhecido, buscando no texto a comprovação das suposições.

2.5.1 Os PCNs e a Formação de Leitores

De acordo com Brasil (1997), para tornar os alunos leitores para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço.

Nesta perspectiva, a escola precisa mostrar aos alunos que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que se conquistado plenamente dará autonomia e independência. Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restrinjam apenas aos recursos materiais, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Para este desenvolvimento Brasil (1997, p.58) descreve algumas condições:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor de um acervo de livros de classe e outros materiais de leitura;

- Organizar momentos de leitura livre [.....];
- Planejar as atividades diárias de leitura [....];
- Oportunizar aos alunos a escolha de suas leituras [.....];
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola [.....];
- Construir na escola uma política de formação de leitores nos quais todos possam contribuir com sugestões [....]

Brasil (1997) relata que são necessárias propostas didáticas orientadas no sentido de formar leitores, apresentando algumas sugestões para o trabalho com os alunos, que podem servir de referência para a criação de outras propostas. Neste sentido, propõe: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura, leitura feita pelo professor. Enfim, “uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever”.

2.6 AS NECESSIDADES DO ALUNO DIRECIONANDO AÇÕES PEDAGÓGICAS

Diante disso, pode-se verificar que as ações pedagógicas precisam contemplar as necessidades dos alunos, e, no caso da criança que não tem auxílio dos pais, é a que mais precisa da escola para se alfabetizar. Segundo Vigotski (2003, p. 105), “a criança reproduz e assimila ativamente o que observa nos adultos, aprende as mesmas atitudes e desenvolve as habilidades mais primordiais para a sua atividade futura”. Se, no grupo familiar, a criança não tem hábitos de leitura, o professor precisa criar estímulos que façam com que esse aluno aprenda a ler e a escrever, superando as dificuldades.

Diante dessa perspectiva, o professor alfabetizador pode entender o processo de construção pessoal de cada um de seus alunos, interagindo com o mundo em que vive. Os alunos são também sujeitos ativos de aprendizagem, cabe ao professor o importante papel de líder e facilitador desse processo, criando condições que favoreçam o ensinar e o aprender na alfabetização.

Cagliari (1998, p. 188) compartilha do mesmo pensamento e enfatiza ainda que os alunos vão aprendendo e que precisam cuidar não somente da ortografia, da clareza e da beleza gráfica das letras, mas também da maneira como as palavras são colocadas no papel, dos sinais de pontuação e das demais marcas da escrita.

3 FAMÍLIA – ANTES DE TUDO, UMA LIÇÃO DE VIDA.

A família é a responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural da criança na sociedade, desde o seu nascimento. Com isso, através dos primeiros contatos com a família a criança supre suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Também é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais para o estabelecimento de uma socialização adequada. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 2).

Os mesmos autores ainda enfatizam que ambiente familiar é a formação da “base de personalidade”, onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos – que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior. Isto funciona como fator determinante no desenvolvimento da consciência, sujeita a influências subsequentes. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 2)

Assim Médici apud Souza; José Filho (2008, p. 2) afirmam que:

“[...] Todo o seu progresso psicológico foi realizado, até então, através das relações com outrem, principalmente os pais. De começo, a criança fundiu-se com as pessoas que a rodeiam, identificou-se com elas, foi invadida pela sua presença [...]”.

Daí a grande e sábia verdade de que a criança é fruto do meio.

Um bom exemplo é o relacionamento com adultos próximos, principalmente pais e irmãos, onde a criança aprende como negociar, cooperar e competir, a fazer amigos e aliados, a ter prestígios e fracassos, a ter oportunidade de experimentar relações com iguais e aprender umas com as outras. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 2-3).

Assim o autor ensina que a família também tem um papel importante nas representações do mundo exterior, uma vez que este processo possibilita a criança viver o universal de forma particular e, dessa maneira, construir-se. Pelo fato de

pertencer a um determinado núcleo familiar a criança recebe noções de poder, autoridade, hierarquia, além de lhe permitir aprender habilidades diversas, tais como: falar, organizar seus pensamentos, distinguir o que pode e o que não pode fazer, seguindo as normas da sua família, adaptar-se às diferentes circunstâncias, flexibilizar e negociar.

A vivência familiar tem uma grande influência no comportamento da criança na sua relação com o mundo e com seus companheiros escolares. Sendo assim, a família tem uma importância fundamental para que a criança tenha um relacionamento saudável com a sociedade ao seu redor. Muitos especialistas no assunto acreditam que o afeto encontrado no seio familiar pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, influenciando a velocidade com que se constrói o conhecimento, ou seja, quando a criança se sente mais segura, aprende com mais facilidade. Souza; José Filho (2008).

A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar.

Assim, Valadão; Santos apud Souza; José Filho, (2008) salientam que independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência.

Passa-se então a trabalhar com a possibilidade de que o modelo de aprendizagem não se caracterize como algo de cunho tão somente individual, mas também como modelo desenvolvido em uma rede de vínculos. Assim, a família se revela como fator indispensável na estabilidade emocional da criança como também na sua educação, com isso, o sucesso da tarefa da escola depende da colaboração familiar ativa.

Acredita-se que os seres humanos são os únicos que passam pelo processo de educação. No entanto, na natureza, os animais, de certa forma, também educam os seus filhotes. O passarinho expulsa seus filhotes do ninho depois de um determinado tempo para que eles aprendam a voar. (BRANDÃO, 1991, p. 14). A leoa caça diante de seus filhotes para que eles também aprendam a caçar. Os seres humanos também vivenciam experiências de aprendizagem em diversas situações: em casa, na rua, igreja e na escola. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver precisamos misturar nossa vida com educação. Sendo assim, ao mesmo tempo em que ensinamos alguma coisa a alguém, outros também nos ensinam alguma coisa.

Naturalmente, os seres humanos também vivenciam experiências de aprendizagem em diversas situações: em casa, na rua, igreja e na escola. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver é necessário misturar a vida com a educação. Sendo assim, ao mesmo tempo em que se ensina alguma coisa a alguém, também ensinam algo a outrem.

O autor ainda esclarece que a educação ajuda a formar tipos de seres humanos e, mais do que isso, ajuda a criá-los, através do passar de uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz um conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades.

Desta forma o autor ainda busca ampliar o conceito de educação, ao relatar fato real que, há muitos anos os Estados Unidos, nos estados de Virgínia e Maryland, assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Os governantes mandaram aos índios uma carta para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos para serem educados. Assim, conforme (BRANDÃO, 1991, p. 8-9), os chefes responderam, agradecendo e recusando o convite, tais linhas se são de tanto teor didático e a simples tentativa de resumi-las poderia comprometer o teor das informações – Assim registra-se o trecho na sua íntegra, dado a importância da lição nele inserida para o tema ora abordado. Assim dizia o trecho:

[...] Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são

sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens.

Ao falar de educação, é muito comum surgir no subconsciente de muitos a imagem da escola como o estabelecimento que a proporciona aos indivíduos, todavia os antropólogos ao se referirem sobre o assunto pouco querem falar de processos formalizados de ensino. Tais estudiosos identificam processos sociais de aprendizagem onde não existe ainda nenhuma situação propriamente escolar de transferência do saber. A rotina das aldeias tribais o saber vai da confecção do arco e flecha à recitação das rezas sagradas aos deuses da tribo.

4 ALFABETIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Cagliari (1989) afirma que os alunos têm uma experiência de anos como ouvintes e falantes de uma língua; portanto, sabem entender e falar, atendendo às necessidades de comunicação e de uso da linguagem nos seus primeiros anos de vida.

Toda criança aprende a falar³. A criança aprende a falar porque convive com outras pessoas que falam e porque tem uma faculdade da linguagem, também chamada de pensamento ou de mente humana. Aprender a falar depende, pois, da racionalidade humana que é dada a todo o ser humano pela natureza e da interação com outras pessoas. Como as pessoas com as quais a criança convive falam, ela acaba adquirindo a linguagem oral dessas pessoas. Cagliari (1989, p. 73).

O autor ainda segue discorrendo que:

“[...] esse processo de aquisição da linguagem é, na verdade, altamente complexo. Os sons de uma palavra isolada não passam de sons como quaisquer outros. Para serem aceitos como sons de uma palavra real, precisam pertencer a um sistema, a uma língua. As línguas, porém, não são feitas dos sons das palavras isoladas, mas de estruturas que juntam ideias e sons, formando palavras, frases, textos etc...” Cagliari (1989, p. 73).

Diante do acima exposto, há de se considerar que, uma palavra isolada só existe porque o texto foi reduzido a sua menor dimensão. Na sua maior dimensão, o texto não tem limite definido, estende-se até quando o falante quiser. Por causa dessas características das línguas, as crianças começam aprendendo mais a ouvir do que a falar, entendem mais do que falam.

³ Em alguns casos de enorme patologia, em geral com risco de vida, uma criança pode viver alguns anos sem falar. Mesmo nestes casos, a ciência ainda não sabe até que ponto essas pessoas conseguem entender a linguagem falada. Até hoje, nenhuma pessoa saiu da infância sem saber falar. Relatos de crianças que viveram durante certo tempo em isolamento total e nunca aprenderam a falar não são verídicos, como se tem provado.

Portanto, esse equilíbrio de escuta e fala somente ocorre após certa idade. Entretanto, na prática, as pessoas são mais expostas a ouvir do que a falar e, por isso, acham que entendem o que os outros dizem o que leem, mas não sabem falar. Assim essa atitude é social e não revela uma verdade linguística. As pessoas podem ter vergonha de falar, podem ter pouca prática de se expressar, mas, tudo o que ouvem e entendem como usuários da língua podem reverter na forma de produção de fala por parte do falante. É por isso, afirma Cagliari (1989), que algumas pessoas, de repente, descobrem que podem fazer poesias ou escrever histórias com certa arte literária.

Todavia essa realidade é objeto de conflito quando a criança acessa o ambiente escolar, assim Cagliari observa que:

“Essa grande diferença entre o entender e o falar encontra uma dura realidade nas atividades escolares, desde os primeiros anos. É certo que os alunos têm uma experiência de anos como ouvintes e falantes de uma língua; portanto, sabem entender e falar, atendendo às necessidades de comunicação e de uso da linguagem nos seus primeiros anos de vida. A escola tira o ambiente natural de uso da linguagem e o coloca em um contexto artificial, em que a linguagem é avaliada a todo instante e não é usada apenas para as pessoas se comunicarem e interagir linguisticamente”. (CAGLIARI, 1989, p. 74)

Tal de conflito citada acima pelo autor, pode levar uma criança a duvidar das habilidades linguísticas que já adquiriu. E como consequência, essa criança começará a duvidar que entende o que lhe é dito e, sobretudo, que sabe falar a sua língua do jeito que a escola quer.

Nesta perspectiva à medida que a criança vai aprendendo a falar, sua habilidade linguística vai se identificando com o modo de falar das pessoas com quem convive. Depois de certo tempo, passados os erros iniciais, as crianças conversam normalmente, e a comunidade tem a certeza de que todos falam corretamente, não havendo mais a necessidade de corrigir a fala das crianças, nem de ensinar a língua a elas. Falar torna-se uma atividade conduzida automaticamente pelos falantes. Qualquer desvio inesperado é logo notado e pode ser objeto de zombaria ou de admiração, dependendo de como a comunidade interpreta a novidade.

Naturalmente que em grande comunidade de falantes de um país, grupos diferentes apresentam características próprias de uso da língua e essas diferenças podem ser objeto de zombaria ou de admiração.

Cagliari (1989) salienta que, “a variação linguística não mostra erro algum de linguagem, nem para o indivíduo, nem para um grupo dialetal”, tal fato evidencia apenas que pessoas diferentes podem ter modos diferentes de usar uma mesma língua.

Como a linguagem traz consigo uma bagagem cultural, através desse parâmetro, as pessoas avaliam se o que é diferente na fala das outras pessoas é um bem ou um mal para a comunidade.

É de si considerar aqui que, a concepção do autor no que tange a classe social:

“[...] no tipo de sociedade atual, as pessoas cultas, ricas e influentes representam os falantes que melhor expressam os ideais coletivos, quanto mais pobres e ignorantes forem os indivíduos, e os grupos e suas culturas, tanto mais discriminados serão perante os demais. Cagliari (1989,p. 75).”

O estudioso ainda apresenta uma crítica deveras dura, todavia real:

“Voltando à sala de aula dos primeiros anos, vamos encontrar lá um lugar onde esses valores sociais, culturais e linguísticos são avaliados, um em função do outro. Como a criança, ao entrar na escola, achava que já sabia falar sua língua, não consegue entender o porquê de tudo, de repente, ficar confuso, errado e difícil em sua mente. Essa é a realidade de inúmeras crianças pobres e menos favorecidas social e economicamente, ao entrarem para a escola. Cagliari (1989, p. 76)”

E prossegue afirmando:

A adaptação delas ao modelo escolar não acontece da noite para o dia. Na verdade, elas deverão trilhar um longo caminho de adaptação

e de aprendizagem, porque tudo o que diz relação à linguagem é sempre muito complexo e a aquisição de novas habilidades não ocorre no mesmo tipo de contexto em que ocorre a aquisição da linguagem, quando a criança aprende a falar. Cagliari (1989, p. 76)

Dado o acima exposto, no que tange a esta adaptação talvez seja a questão básica mais importante das atividades linguísticas escolares no Ensino Fundamental. Grandes problemas, que as crianças, as escolas, os pais e o governo têm com relação ao progresso da aprendizagem das crianças nesse momento escolar, advêm da falta de compreensão dessa questão apresentada acima.

Por outro lado, uma escola que consegue compreender a realidade linguística de seus alunos nos primeiros anos escolares pode desenvolver atividades de ensino e de aprendizagem que não ferem os alunos nem os mestres, mas, pelo contrário, trazem tranquilidade, alegria, prazer e sucesso.

4.1 A ALFABETIZAÇÃO ENQUANTO UM PROCESSO

A alfabetização é o processo em que o aluno se apropria do ensino e da aprendizagem. A escola é o principal espaço para a busca do conhecimento, em que ocorre à intervenção pedagógica, e a função do professor é ser um mediador do conhecimento. Com seu auxílio, precisa acontecer a aprendizagem significativa dos alunos. No entanto, sabemos que não é apenas na escola que o aluno aprende. O processo de alfabetização depende, também, do ambiente familiar no qual o aluno está inserido, pois, mesmo antes de iniciar sua vida escolar já possui conhecimento de leitura do mundo por meio de jornais, revistas, livros, mídia, internet e até mesmo nas ruas (panfletos, placas de sinalização, entre outros), ou seja, os símbolos e as letras que a criança vê podem não ter significado, mas, ao chegar à escola, o contato com a linguagem escrita possibilita a ela compreensão sobre o significado das palavras, isso decorre por intermédio das práticas de alfabetização que estimulam a leitura e a escrita. Salmória (2012).

A mesma autora ainda acrescenta que:

“Alfabetizar é possibilitar que o aluno tenha conhecimento não só das letras, mas, sobretudo, do significado, a fim de compreender o que está escrito, pois, mediante aquisição e produção de conhecimento, são obtidas outras formas de linguagem. É importante proporcionar ao aluno contato com diversos tipos de leitura, seja ela de qualquer texto e gravuras, fazendo com que desperte sua imaginação e criatividade.” Salmória (2012, p. 32).

Mais que decifrar código, alfabetizar é proporcionar ao aluno conhecimento não somente das letras em si, mas dá-lo a chance de compreender o que está escrito e assim permitir que leitura insira no leitor informações que processadas transformarão em conhecimento/entendimento.

Conforme Ribeiro (2003, p. 91) apud Salmória (2012), alfabetização “é o processo pelo qual se adquire o domínio das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio da tecnologia do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita”.

Nesse sentido, alfabetização significa exercer e interpretar as práticas sociais da leitura e da escrita. Ou seja, compreender e interpretar sobre o significado da leitura e da escrita, mediante o letramento, possibilitará o uso e as habilidades na construção do conhecimento.

Portanto, o processo de alfabetização só ocorrerá quando o aluno souber ler, escrever, interpretar e elaborar produções de texto simples ou complexo, com eficiência e qualidade.

Afirma a mesma autora que esse processo tem seu início na alfabetização e estende-se por toda a vida, pois a alfabetização não se esgota na aprendizagem da escrita, leitura, matemática, abrange todas as linguagens, por isso que o papel do professor alfabetizador é de extrema importância. A realização da alfabetização, em sentido amplo, depende da postura do professor, de sua atitude em relação aos alunos nas mais diversas situações.

É de suma importância o professor ampliar seus conhecimentos e mediar os alunos, de modo que estes exponham suas preferências, dificuldades ortográficas,

interpretem e produzam textos compreensíveis, tornando-se sujeitos ativos, autônomos e participantes no mundo e no contexto social no qual estão inseridos.

O professor tem de refletir sobre sua ação pedagógica e analisar como se processa o trabalho de alfabetização que é realizado na perspectiva do letramento. De acordo com Castanheira, Maciel e Martins (2009, p. 16):

“Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto a ser refletido, pois não basta compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas”.

Volta-se aqui à antiga discussão da necessidade não somente de se ensinar a ler, mas a de se alfabetizar que de fato é um conceito mais amplo e abrangente em todos os aspectos.

Vigotski (1991) caracteriza os aspectos tipicamente humanos do comportamento e também elabora hipóteses de como tais características se desenvolvem durante a vida do indivíduo e enfatizando três importantes:

- Relação entre seres humanos e o seu ambiente físico e social.
- Novas formas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamentos entre o homem e a natureza e as consequências psicológicas dessas formas de atividade.
- A natureza das relações entre o uso de instrumento e desenvolvimento da linguagem. O estudo do desenvolvimento infantil começou a ser feito por comparação à botânica, associado à maturação do organismo como um todo. Como maturação por si só, é um fator secundário e não explica o desenvolvimento de formas mais complexas do comportamento humano, a psicologia moderna passou a estudar a criança a partir dos modelos zoológicos, isto é, da experimentação animal.

Segundo o autor em comento, o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática estão juntas.

Assim, a criança, antes de controlar o próprio comportamento, começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, produzindo novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio ambiente. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: à forma especificamente humana do uso de instrumento.

Experiências científicas realizadas pelo autor concluíram que a fala da criança é tão importante quanto à ação para atingir um objetivo. Sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão.

Conclui-se também que quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Logo o autor acrescenta que “[...] essas observações, me levam a concluir que as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos”. Vigotski (1991)

Verifica-se então que o autor depreende que para o desenvolvimento da criança principalmente na primeira infância, o que se reveste de importância primordial são as interações com os adultos (assimétricas), portadores de todas as mensagens de cultura. Nessa interação o papel essencial corresponde aos diferentes sistemas semióticos seguida de uma função individual: começam a ser utilizado como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual

5 O PROCESSO DE COGNIÇÃO ZDP – BREVES CONSIDERAÇÕES

Vigotski (1989) considera que não existe melhor maneira de descrever a educação do que considerá-la como “a organização dos hábitos de conduta e tendências comportamentais adquiridos”. E ainda acrescenta a ideia de que “o aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção, ao invés disso, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas”.

Os estudos de Vigotski (1991) enfatizam a natureza social do desenvolvimento psicológico, assumindo que o sujeito se constitui nas relações sociais. Dessa forma, esse autor supera a dicotomia entre o social e o individual, ideia presente nos pensamentos filosóficos e psicológicos de sua época. Para Vigotski, o psicológico deve ser entendido nas suas funções sociais e individuais e a construção do conhecimento deve ser determinada pelas interações mediadas socialmente.

Neste sentido, uma abordagem sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o ponto de partida da discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. Ao abordar a questão da ZDP, Vigotski (1991) amplia e dá grande importância ao papel do ensino no processo de desenvolvimento dos sujeitos. A ZDP é reconhecida como a distância existente entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, aquilo que a criança já é capaz de fazer de forma independente e o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que a criança é capaz de realizar sob orientação de um adulto.

Ainda segundo Vigotski *apud* Pino (2005), afirma que a originalidade do desenvolvimento da criança reside no fato de que as funções naturais, regidas por mecanismos biológicos, e as funções culturais, regidas por leis históricas, fundem-se entre si, constituindo um sistema mais complexo. De um lado, as funções biológicas transformam-se sob a ação das funções culturais e, de outro lado, as funções de natureza culturais têm nas funções biológicas o suporte de que precisam para constituir-se. Em condições normais de desenvolvimento biológico, as funções culturais vão se constituindo seguindo um ritmo até mesmo previsível.

Concebe-se então o estudioso que, “o desenvolvimento ocorre do social para o individual, em dois planos diferentes, embora intrinsecamente relacionados.” Suas

etapas passam a ser compreendidas levando em conta os aspectos-histórico sociais e o lugar singular onde as pessoas se encontram. Perceber o desenvolvimento dessa forma nos permite refletir sobre as diferenças referentes ao ritmo do desenvolvimento e da aprendizagem perante a diversidade social, cultural e econômica dos sujeitos. O desenvolvimento orgânico é regido por forças naturais e o desenvolvimento cultural, que define a especificidade humana, emerge da progressiva inserção da criança nas práticas sociais do seu meio cultural com auxílio da mediação do outro (PINO, 2005).

Percebe-se que, assim, nessa perspectiva, que ao nascer, o sujeito ainda não está “pronto” e que o mesmo será aquilo em que se transformará a partir de suas interações sociais nos mais diversos contextos. Assim, é possível compreender que a aprendizagem precede o desenvolvimento. Nesse aspecto, pontuamos o papel primordial do educador como mediador, uma vez que, ao interagir com o educando, o auxilia a internalizar, paulatinamente, o que vai sendo construído nessa relação.

Portanto, é de suma importância o papel da escola e da mediação do professor nessa interação possibilitada pela linguagem. Assim, a aprendizagem é concebida como um processo de construção compartilhada, uma construção social, na qual o papel do professor é o de sempre atuar no desenvolvimento potencial do aluno para levá-lo por meio da aprendizagem a um desenvolvimento real. Com base na ideia de Vigotski, ressalta-se que só a boa aprendizagem promove o desenvolvimento e que o bom ensino é aquele que apresenta uma orientação prospectiva, ou seja, dirigida ao que o aluno ainda não é capaz de fazer sozinho, mas já é capaz de fazer com auxílio de outro mais experiente. O bom ensino é o que relaciona os conceitos científicos (conceitos construídos em situação formal de aprendizagem) aos conceitos espontâneos (conceitos construídos em situações cotidianas, não sistematizadas) e auxilia o educando a internalizar os conceitos científicos em um movimento espiralado, no qual vai aprendendo novos conceitos e, por conseguinte, se desenvolvendo. Vigotski (1991).

Desta forma, tendo como base as questões referentes ao processo de aprendizagem e desenvolvimento, bem como as questões sobre o papel da escola e do professor, serão abordados a seguir os aspectos a respeito do papel da

brincadeira para a aprendizagem e o desenvolvimento e o processo de evolução da escrita na criança.

6 O LÚDICO – UMA FERRAMENTA DE ENSINO.

Vigotski (1991) ao abordar a questão do desenvolvimento, o autor considera que a criança desenvolve-se essencialmente por meio da atividade do brinquedo⁴. Transformações internas no desenvolvimento da criança, como o simbolismo e a capacidade de representar e de abstrair, surgem a partir das situações de brincadeiras.



Figura

1: O LÚDICO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA Fonte: Mariana Calixto

Para compreender a singularidade da brincadeira como uma forma de atividade da criança, Vigotski (1991) pontua que é preciso entender o caráter essencial dessa atividade. As crianças bem pequenas⁵ tendem a querer satisfazer seus desejos imediatamente, enquanto crianças na idade pré-escolar apresentam desejos que não são possíveis de serem realizados imediatamente. Para resolver essa tensão

⁴ O termo brinquedo ou brincadeira, utilizado por Vigotski, refere-se à atividade denominada de “faz de conta” ou jogo protagonizado de papéis sociais que, segundo os autores da vertente histórico-cultural, é a principal atividade da criança na idade pré-escolar.

⁵ Não há uma definição clara quando Vigotski refere-se a crianças bem pequenas e crianças na idade pré-escolar. Consideraremos crianças bem pequenas aquelas cuja idade varia entre 0 a 5 anos, e as crianças na idade pré-escolar aquelas de idade entre 4 e 6 anos. É importante pontuar também que, para os autores da teoria histórico-cultural, os estágios do desenvolvimento possuem uma sequência no tempo, porém, os limites de idade de cada estágio constituem-se a partir das condições concretas de desenvolvimento de cada criança.

entre querer realizar os desejos imediatamente e não poder fazê-lo, a criança envolve-se num mundo ilusório e imaginário: a brincadeira.

Assim, o autor assegura que:

A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação. O velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação deve ser invertido; podemos dizer que a imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo em ação Vigotski (1991, p. 106).

No que tange a citação acima, o autor depreende que, nem todos os desejos não satisfeitos dão origem às brincadeiras. Crianças pequenas podem fazer coincidir a situação de brinquedo e a realidade. “O que na vida real passa despercebido pela criança, torna-se uma regra de comportamento no brinquedo” Vigotski (1991, p. 108). Na situação imaginária, as crianças se comportam pelas regras que têm sua origem na própria brincadeira.

Ao discutir sobre a ação e o significado da brincadeira, Vigotski (1991) ressalta que, para as crianças bem pequenas, é impossível envolver-se em uma situação imaginária, já que ela se encontra ainda muito restrita ao ambiente imediato. Seu comportamento é determinado pelas condições em que a atividade ocorre, sendo que, nesse caso, os objetos se apresentam como uma força motivadora inerente. “É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos” Vigotski (1991, p. 109-110).

Conforme o citado autor, na idade pré-escolar ocorre uma divergência entre os campos do significado e da visão:

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias, e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura

torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias, e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. A criança não realiza toda esta transformação de uma só vez porque é extremamente difícil para ela separar o pensamento (o significado de uma palavra) dos objetos Vigotski (1991, p. 111).

Desse modo, na brincadeira altera-se a relação da criança com a realidade porque muda a estrutura da sua percepção e a criança passa a significar um determinado objeto. “No brinquedo, o significado torna-se o ponto central e os objetos são deslocados de uma posição dominante para uma posição subordinada” (VIGOTSKI, 1991, p. 112). Para o autor, a natureza da brincadeira consiste na transição entre as restrições puramente situacionais da primeira infância e o pensamento adulto, que pode ser totalmente desvinculado de situações reais.

No brinquedo, espontaneamente, a criança usa sua capacidade de separar significado do objeto sem saber que o está fazendo. Por meio do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto.

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a à desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade Vigotski (1991, p. 114).

O autor não concorda que a criança aja de forma puramente simbólica no brinquedo e nem que essa atividade seja o outro mundo da criança. Ao brincar, a criança opera no campo do significado, porém sua ação ocorre como na realidade.

Logo, essa contradição se apresenta como um aspecto importante para o desenvolvimento da criança. As situações de brincadeira propiciam uma estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência, sendo uma atividade condutora no desenvolvimento da mesma. Para o autor, seria incorreto considerar a brincadeira como uma atividade sem propósito e puramente imaginária, pois o

“brinquedo é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova” Vigotski (1991, p.117).

A partir das discussões de Vigotski envolvendo a Zona de Desenvolvimento Proximal, o autor aborda que:

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (VIGOTSKI, 1991, p. 117).

Concebe o autor que desta forma, a brincadeira contribui para o desenvolvimento na medida em que é capaz de impulsionar a criança a realizar coisas que ainda não é capaz de fazer, envolvendo-se em graus maiores de consciência das regras de conduta, antecipando e elaborando situações que ainda não está preparada para realizar na vida real. Baquero (1998) contribui para a discussão da Zona de Desenvolvimento Proximal relacionada ao brincar, destacando que, em Vigotski, o brincar é uma das maneiras de a criança participar na cultura, sendo sua atividade cultural típica, assim como para o adulto é o trabalho. Nessa perspectiva, o brincar é uma atividade cultural. Tanto situações de brincadeiras como as de aprendizagem escolar operam como geradoras de Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vigotski *apud* Kozulin (2002), considerou o simbolismo e a convencionalidade dos signos – instrumentos psicológicos – como importantes características da atividade humana que são impostas ao comportamento do indivíduo, moldando-o e reconstruindo-o segundo as linhas da matriz sociocultural. Assim, o autor considera que “o jogo infantil é uma fonte poderosa de controle do simbolismo e do caráter convencional da relação entre significante e significado, que é uma das bases cognitivas da escrita” Kozulin (2002, p. 12). A chave para a função simbólica da brincadeira infantil é a possibilidade de representar.

Dada a importância da atividade de brincadeira para o desenvolvimento global dos processos psíquicos da criança, entende-se que ela deve fazer parte das práticas pedagógicas com crianças nos anos iniciais da educação básica. O papel desempenhado pelo adulto na mediação dessa atividade social da criança é imprescindível. Não há como negar o potencial formativo da brincadeira de faz-de-conta. Portanto, cabe aos educadores compreenderem o significado que essa atividade tem para o desenvolvimento da criança, superando o entendimento naturalizante que, muitas vezes, subsidia a ação de brincar nos contextos escolares, entendendo, inclusive, que a brincadeira é parte constituinte do processo de construção da escrita da criança, tema que será abordado na seção seguinte.

7 INCENTIVOS ESTRATÉGICOS À LEITURA INFANTO JUVENIL

A Etimologia da palavra ler deriva do latim “lego/legere”, que significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos. Acompanhando essa ideia Luchesi *et all* (2003, p. 119) depreende que:

“[...] a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos”. Deve estar relacionada à realidade do leitor”.

Inegavelmente a tecnologia ocupou espaços nunca antes imaginados. Essa realidade demonstra que a leitura tem acompanhado o desenvolvimento tecnológico. Muitos livros convencional têm dado lugar aos “e-books” e assim o papel tem sido substituído pela telas de um computador, tablete e/ou celular. Logo, percebe-se que assim, pode afirmar que a leitura varia em função das práticas sociais.

Contudo, no ambiente escolar o contato com o livro ainda é inevitável, de modo que a leitura, além de possibilitar viagens e encantamentos às crianças, contribui na formação do imaginário, promove o desenvolvimento da linguagem/oralidade e faz com que as crianças adquiram valores, que guiarão seus passos na sociedade. A especialista afirma, ainda, que o trabalho da leitura, quando iniciado cedo, influencia no processo de alfabetização e desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo, facilitando sua atuação na sociedade.

São inquestionáveis os benefícios de histórias que devem ser lidas ou contadas às crianças desde a primeira infância, cabe aos pais ou educadores selecionar tais instrumentos que façam referência ao mundo infantil, ou seja, que tenham como protagonistas: crianças, lobo mal e bichinhos. Tendo em vista que histórias com esses elementos agradam o público infantil. As crianças não devem apenas ouvir as histórias, é importante que elas também manuseiem os livros para poder identificar a grafia e ir estabelecendo uma relação direta com a linguagem escrita. Tudo isso mesmo a criança ainda não sabendo ler.

Zilberman (1998), ainda ratifica o pensamento afirmando que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura. Sendo assim, o educador

deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança.

7.1 CONTAR HISTÓRIAS: REINVENTA DE UMA ESTRATÉGIA

A arte de contar histórias é uma tradição que remete à própria história da humanidade, surgiu quando o homem começou a ter poder de fala e sentiu a necessidade de comunicar suas experiências. Em virtude de sua grande importância, tal arte vem resistindo ao longo dos tempos até os dias atuais. No entanto, com o desenvolvimento dos recursos da comunicação e a globalização das informações, a prática de contar histórias no ambiente familiar, não é mais tão constante como era antigamente, daí a necessidade de se retomar via ambiente escolar esses valores tradicionais numa abordagem diferente, contudo apropriada para os novos tempos.

No resgate da prática de contar histórias, professores têm a responsabilidade moral de promover um ambiente propício na escola, tendo em vista que esse ato é importante para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, dando-lhe inclusive a noção de tempo e espaço por meio das representações simbólicas. Defende-se a ideia de que o ato de ouvir histórias de maneira adequada, desde cedo, faz com que o indivíduo desenvolva o espírito de curiosidade para a leitura e, conseqüentemente, pode vir a se tornar um leitor apaixonado. No entanto, jamais o professor deve contar uma história que os alunos não gostem nem faça parte do seu conhecimento de mundo, porque quando se conhece ou se gosta de algo é mais fácil demonstrar entusiasmo, facilitando assim o desenvolvimento. (MALUF, 2013)

O autor ainda acrescenta que uma pessoa adulta, quando conta histórias, apresenta à criança um mundo diferente, um mundo imaginário, que ativa sua curiosidade. Como o professor é uma pessoa muito significativa para a criança, ele deve aproveitar essa fase para tornar a leitura uma atividade prazerosa, ou seja, fazer do ato de contar histórias uma espécie de brincadeira com as palavras. Assim como se canta para uma criança dormir, por que não contar histórias para que ela adormeça ouvindo a sonoridade das palavras, viajando na história?

O autor ainda defende-se que, quanto mais cedo, a criança entrar em contato com os livros, maior será a probabilidade de ela tornar-se um adulto leitor, que lê com prazer. Não se pode perder de vista que a criança não desenvolve o hábito de ler sozinha nem de uma hora para outra, por isso é importante que o professor busque estratégias para a leitura se tornar um hábito. Até mesmo por que:

O livro é um meio pelo qual se podem estabelecer vínculos emocionais importantíssimos tanto na família como na escola: a leitura do adulto, cheia de ânimo, de entonações, jogos de vozes e ruídos, desenhos, dramatizações, precedida ou conjuntamente à apresentação das figuras, dos desenhos e com uma postura física adequada com certeza criam uma aproximação prazerosa não apenas entre as crianças e seus educadores, mas também com a leitura. (MALUF, 2013, p. 48-49).

Partindo dessa concepção, pode-se afirmar que contar histórias é uma estratégia interessante e, sobretudo estimulante, e que o professor pode utilizá-la para incentivar os alunos a criarem o hábito de ler ainda que pelo simples fato delas buscarem respostas ao desfecho de uma determinada história. Mas as histórias não devem ser trabalhadas de qualquer maneira pelo professor, é preciso que o ambiente seja acolhedor e que o educador esteja preparado para este momento.

Assim, a criança, quando ouve uma história, passa a visualizar de maneira mais clara as dúvidas que tem em relação ao mundo. A grande maioria das histórias infantis trabalha os problemas característicos da infância, tais como, os medos, a inveja, o carinho, a curiosidade, a dor, e a perda. Ouvindo histórias continuamente, a criança desenvolve a autoestima, passa a entender o seu papel na sociedade, e também desenvolve um dos melhores hábitos que o ser humano pode desenvolver: o hábito de ler.

Há de considerar ainda que, fala-se que a escola é o lugar ideal para se aperfeiçoar o gosto pela leitura e, uma das maneiras do professor incentivar essa prática, é contando histórias que sejam do agrado dos seus alunos, isso porque esse ato pode estabelecer a ligação entre o aluno e o livro. Diz-se da busca incansável do ser humano pelo conhecimento.

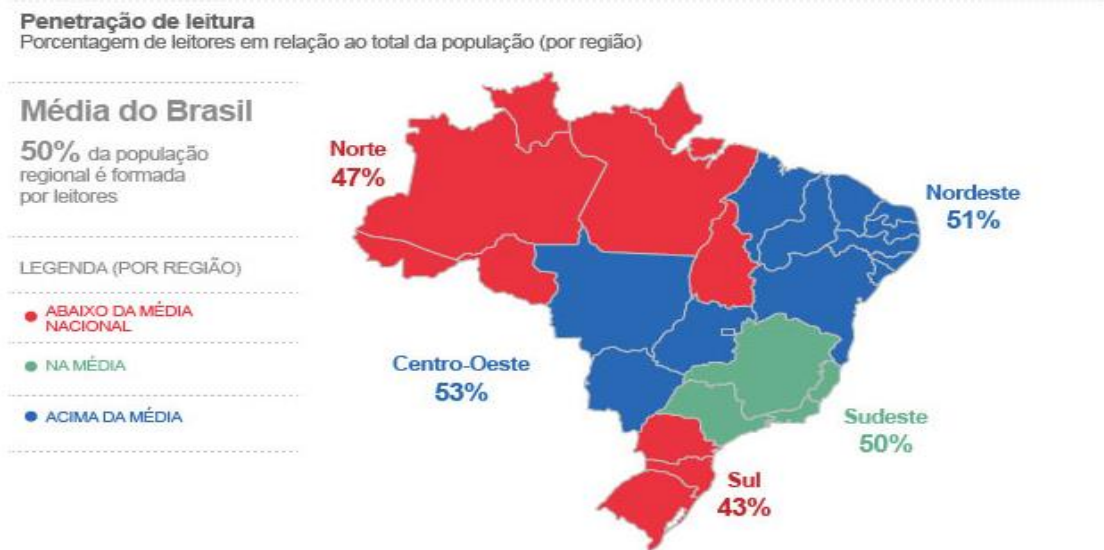
O pensamento do autor ao afirmar que: “Sem professores que leiam que gostem de livros, que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificar-se-á a paisagem atual da leitura escolar”.

Assim, para incentivar os alunos a gostarem das histórias contadas, sugere-se que o professor oriente-os para recontarem as histórias da maneira que entenderam. Esse procedimento didático pode fazer com que as crianças fiquem ansiosas para compartilhar o que entenderam da história. Mas é preciso considerar que nem sempre o educador vai encontrar escolas que tenham estruturas adequadas para a leitura. Nesse caso, cabe ao professor ser criativo, ou seja, criar um ambiente propício, preparando-o com fantoches, marionetes etc. porque um cenário adequado estimula as crianças a terem interesse em participar da história.

Entende-se que atualmente não há ninguém melhor do que o professor para desenvolver o gosto pela leitura das crianças, e uma das estratégias que pode ser utilizada é a arte de contar história de maneira criativa. Deve-se levar em consideração que a criança normalmente se interessa pela leitura através de motivação e/ou exemplo.

A sociedade brasileira, de uma maneira geral, lê muito pouco, isso significa que a criança, muitas vezes não tem o incentivo dos pais para ler. Para fazer essa afirmação, baseou-se em dados apurados pelo IBOPE (2011) apud G1. (2012), que aponta a leitura como sendo a quinta posição entre as atividades preferidas dos brasileiros. Sendo assim, cabe aos educadores, mais do que nunca, o desafio de incentivar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura.

A Figura 1 – Apresenta dados da pesquisa sobre os leitores no Brasil.



Figura

2: PENETRAÇÃO DA LEITURA FONTE: Ibope Inteligência/Fundação Pró-Livro 2012

Veja os índices de leitura de livros entre crianças e adolescentes



Figura 3: LEITURA DE LIVROS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTE - FONTE: IBOPE vInteligência/Fundação Pró-Livro 2012

Em virtude desta triste realidade, buscando minimizar esses tristes números, a literatura infantil é um dos gêneros textuais que pode ser trabalhado na escola para estimular o prazer pela leitura. O estímulo à leitura na primeira infância, antes mesmo de a criança aprender a falar, pode ser o caminho mais curto para a

formação de um leitor crítico. No entanto, com o desenvolvimento da criança, outros gêneros textuais, que fazem parte de seu mundo social, podem ser inseridos no seu processo de aprendizagem. Sobre este assunto que o próximo tópico faz uma abordagem.

7.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS – OUTRO INCENTIVO A LEITURA

Segundo Marcuschi (2002), gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social que determinam as situações comunicativas. São caracterizados pela maleabilidade e dinamismo, pois surgem da necessidade de comunicação de cada época histórica. Quando, numa primeira fase, a cultura dos povos era essencialmente oral, o número de gêneros era bastante reduzido. Com a evolução da sociedade e o surgimento da cultura escrita foram se multiplicando, surgindo os gêneros típicos da escrita, evoluindo para a fase da cultura impressa, até chegar aos dias atuais, na denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente, o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, ocasionando uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto oral como escrita. Isto mostra que os gêneros textuais, surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.

São caracterizados muito mais por suas funções comunicativas que por suas especificidades linguísticas e estruturais. Como vimos os gêneros com sua diversidade de formas podem surgir ou desaparecer, de acordo com a necessidade comunicativa a que se presta em um determinado tempo histórico e social.

7.2.1 Propostas para a Sala de Aula

"Apesar de mais de um século de movimentos de escola nova e de pedagogias ativas, apesar de várias décadas de abordagens construtivistas, intervencionistas e sistêmicas na ciência de educação, os modelos transmissíveis e associacionistas conservam sua

legitimidade e, com certa frequência, dominam a cena." (PERRENOUD, 2004, p.55).

Ler é interagir com o autor, procurar e produzir sentidos, vivenciar experiências. Para ler a criança precisa interpretar símbolos, imagens, gestos, desenhos, etc., promovendo previsões, inferências e a comunicação de várias formas de textos entre si.

Pode-se verificar que as crianças nas classes de alfabetização formulam hipóteses de leitura. Essas hipóteses de leitura vão avançando nas intervenções do ambiente e a criança percorre um longo caminho que vai da identificação do texto e imagem, passando pela etiquetagem ou hipótese do nome, até a tentativa de conciliar sua hipótese com os indicadores, isto é, os signos já conhecidos.

Segundo Cagliari (1998, p.221)

(...) os alunos são capazes de enfrentar uma variedade enorme de textos. A restrição com relação à escrita reside apenas nos casos em que os alunos não sabem decifrar determinadas letras ou conjuntos de letras, dificultando ou impossibilitando a leitura. Depois que eles decifram a escrita o texto pode ser qualquer um, desde que a criança tenha condições de entender.

Desse modo, o professor tem uma importante tarefa de propiciar aos seus alunos a diversidade de texto que todos têm direito. Para FERREIRO (2001, p. 33) "... a variedade de materiais não só é recomendável (melhor dizendo, indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora".

Neste sentido, entende-se que se a criança possui em casa outros recursos de leitura, não é tão grave que a escola use só um único texto, mas se a escola é o único ambiente alfabetizador do aluno, isto é gravíssimo, por não ampliar seu conhecimento e, conseqüentemente prejudicar sua alfabetização.

O processo de alfabetização na experiência escolar é visto como uma temática de grande interesse por educadores de modo geral e por outros vários segmentos que

compõem a sociedade. Porém, mesmo com tanta bibliografia existente sobre o assunto algumas lacunas ainda são identificáveis neste campo.

Considerando a importância desse processo e de todas as responsabilidades que lhes competem, os professores, têm diante de si uma importante tarefa que é auxiliar os alunos na construção de uma escrita própria conforme suas hipóteses, conciliando-os com os objetivos da escola. Para tal, é necessário auxiliar para que os alunos se tornem sujeitos capazes de interpretar, compreender textos que leu ou redigiu, ou seja, sujeitos cujas habilidades vão além do simples escrever e ler.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, cabe mencionar que é preciso entender a alfabetização como uma atividade interdiscursiva e de interação, isto é, implica em refletir o conhecimento construído. Daí a importância da prática da leitura fazer parte de todas as séries, uma vez que conhecendo o contexto dos alunos, o professor estará considerando o mundo que eles vivem e assim utilizam-se deste saber para educar e promover o incremento do saber.

Retomando-se as ideias iniciais que fundamentaram os redirecionamentos do ensino da leitura e da escrita, seguindo-se as teses teóricas referenciadas é bom enfatizar as que mostram a importância dos segmentos linguísticos aqui mencionados que se perdem na escrita e que só podem ser recuperados no momento em que se lê interpretando.

O ensino da leitura deve ser visto como um processo de relação conjunta entre ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, entre professor/alunos/ouvintes, que serão sempre parceiros no processo de construção conjunta de significados para o ato de ler. Assim a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino, e para que ela possa constituir também um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder os objetivos de realização imediata. Diz-se de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, resolver um problema prático informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar, e ler buscando informações relevantes no texto.

A escola pode ser a oportunidade dos alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo, o que requer um trabalho com a diversidade textual.

Constata-se que é de suma importância que o professor saiba como utilizar, de maneira adequada uma diversidade textual e atividades que levam os alunos a defrontar-se com situações significativas de aprendizagem relacionadas ao desenvolvimento da linguagem despertando assim o gosto e o interesse de ir à busca de mais conhecimentos e da valorização da leitura e da escrita. É através de

formação e constante aperfeiçoamento que o educador pode ajudar as crianças a ler e a escrever e para isto, é preciso ler em favor deles, pois isto as incentiva a entenderem as funções da escrita, adquirem conhecimentos sobre a linguagem a terem mais chance de aprender.

A presente pesquisa também evidenciou que a importância das atividades lúdicas no processo de alfabetização e letramento dos educandos, não diz respeito somente ensinar a ler e escrever, resolver um problema, dar forma a um pensamento. É, principalmente, atender as necessidades do desenvolvimento da criança, com o intuito de prover a formação de sua personalidade. Através do lúdico, a aprendizagem é ativa, dinâmica e contínua, ou seja, uma experiência basicamente social, que tem a capacidade de conectar o indivíduo com a cultura e meio social mais amplo.

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são constituídas, para algumas crianças, no próprio espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outras, é, sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isso é importante que o pequeno aluno perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário.

É também necessário superar algumas concepções errôneas sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Naturalmente tão importante quanto ter livros a disposição do aluno é indispensável que o professor juntamente com a escola tenham sempre um projeto de leitura, para que assim possam aplicar na prática incentivos à leitura, considerando todas as ferramentas citadas neste trabalho como forma de tornar um hábito agradável, que proporciona à criança o contato com o livro e um caminho aberto para a busca do conhecimento e do saber para a vida.

Há de se considerar que no processo de aprendizagem da leitura e escrita, o professor deve proporcionar aos alunos, em um primeiro momento o contato com a escrita. Assim, com uma visão Freiriana que nos remete ao entendimento de que o poder da palavra como libertação, desenvolve o gosto pela leitura e escritura, e isso

deveria ser um desafio pedagógico a ser perseguido, até que a leitura ocupe o espaço social que lhe cabe como ação totalizadora. A escola, por sua vez, deveria promover o resgate da formação leitora de professores e alunos sempre tendo em vista a construção de um mundo melhor e mais humano fundamentado numa educação de qualidade e, sobretudo numa educação para a vida.

9 REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática/UNESCO, 2006.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que É Educação**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 20).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Alfabetizando Sem o Ba-Be-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

_____. **Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2002

CALIXTO, Mariana. **O Lúdico e o Desenvolvimento da Criança**. Artigo. [On line]. Disponível em: <http://marianacalixtopedagoga.blogspot.com.br>. Acesso em 15 maio 2014.

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e Letramento na Sala de Aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FERREIRO, EMÍLIA E TEBEROSKY. **Reflexão Sobre Alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

G1.Globo. **Crianças e adolescentes estão lendo menos**. Artigo. [Online]. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/criancas-e-adolescentes-estao-lendo-menos-indica-pesquisa.html>. Acesso em 20 mai.2014.

KOZULIN, Alex. **O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos.** In: DANIELS, Harry (Org.). Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002. p.111-138.

KRAMER, S. **Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso.** São Paulo: Ática, 2010.

LUCHESE, C.C (et all). **Universidade: Uma Proposta Metodológica.** 13ª. Ed. São Paulo: Cortez. 2003.

LENCASTRE, Leonor. **Leitura: A Compreensão de Textos.** Universidade do Porto: Fundação CalousteGulbenkian, 2003.

MALUF, M. R. ; DOMINGUES, Simone Ferreira da Silva . **Linguagem e Atribuição de Estados Mentais: Um estudo com crianças de 3 a 4 anos.** Revista Peruana de Psicologia e Trabalho Social, v. 2, 2013. P.86.

MARCUSCHI, L. A.. **Gêneros textuais: Definição e Funcionalidade.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

PERRENOUD, P. **Os Ciclos de Aprendizagem: Um Caminho para Combater o Fracasso Escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005.

SALMÓRIA, Andreia Hildebrando dos Santos. **A Ação Pedagógica nos Processos do Ensino e da Aprendizagem.** Artigo. [Online]. Disponível em:<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/683/221>, 2012. Acesso em 10 fev. 2014.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1987. 95 p.

_____. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003. 123 p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Ana Paula de; JOSÉ FILHO, Mário. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional.** Revista Iberoamericana de Educacion. n. 44/47, p. 1-8, 10 jan. 2008.

SOUZA, SANTOS, C. C. S. dos. **A Leitura da Literatura Infantil na Escola.** In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Caminhos para a formação do leitor.* São Paulo: DCL, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10ª edição - São Paulo: Global, 1998.

VYGOTSKI, L. S. 1989. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 132 p.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Vygotsky e a Pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 111-137.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula: leitura e produção.